



Percepção de Gestores Acadêmicos de Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul sobre o Programa Ciência Sem Fronteiras

Graziela Pereira, Priscila Bresolin Tisott, Verena Alice Borelli, Roberto Birch Gonçalves,
Maria Emilia Camargo

RESUMO

A internacionalização do ensino é uma realidade que traz oportunidades para as instituições de ensino superior. No Brasil, o programa Ciência sem Fronteiras destaca-se por oportunizar a internacionalização do ensino, por meio da mobilidade acadêmica internacional. Assim, a pesquisa teve por objetivo geral analisar a percepção de gestores acadêmicos de Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul sobre o programa Ciência sem Fronteiras. Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com seis gestores de relações internacionais de Instituições de Ensino Superior localizadas na Serra Gaúcha e na região Metropolitana de Porto Alegre. As entrevistas foram transcritas e analisadas, gerando resultados como a falta de mecanismos de avaliação do programa e a falta de mecanismos de socialização formais, que impedem o desenvolvimento do Programa no Brasil. Além disso, os principais motivadores citados foram o aprimoramento da língua estrangeira e o aprimoramento da carreira. Como principais dificuldades, surgem a barreira linguística e a questão financeira, que impedem a participação de alguns alunos. Ademais, as instituições percebem benefícios somente para o aluno com a participação no Programa.

Palavras-chave: Ciência sem fronteiras; Gestores acadêmicos; Instituições de ensino superior;

1 INTRODUÇÃO

A mobilidade acadêmica internacional não é um fenômeno novo, visto que o uso de uma língua comum e de um plano de ensino comum, a fim de facilitar a mobilidade dos estudantes, é uma prática que remonta ao século 17. Assim, durante séculos, as universidades ao redor do mundo têm estabelecido parcerias no sentido econômico ou intelectual, de acordo com a época vivenciada e com o interesse das instituições (KNIGHT; DE WIT, 1995).

De acordo com Silva (2012), os programas de Cooperação Acadêmica Internacional visam estabelecer e fortalecer as conexões de estudos e aprimoramento por meio do intercâmbio de estudantes, pesquisadores e docentes. No contexto atual, para conquistar um bom cargo, o candidato deverá ter uma ampla visão do mundo internacionalizado, ou seja, estar em constante atualização, o que certamente um intercâmbio poderá proporcionar (SOUTO; REINERT, 2004).

A fim de atender os requisitos de internacionalização das universidades, surgem os Programas de Cooperação Acadêmica Internacional, os quais englobam programas institucionais das Universidades, tais como o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional (PMAI), e programas financiados por agências ou pelo Governo Federal, como o Programa Ciência sem Fronteiras. Tais programas tornam-se essenciais na manutenção dos programas de pesquisa, inovação e desenvolvimento tecnológico da Universidade, visto a contribuição externa que é adicionada às tecnologias já existentes (UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2014).

Além disso, no Brasil, uma das principais formas de incentivo à cooperação acadêmica internacional é por meio do Programa Ciência sem Fronteiras, que objetiva a estruturação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional, de forma que os alunos de graduação e pós-graduação mantenham no



exterior o contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação. Além disso, o programa tem por objetivo atrair pesquisadores do exterior que tenham interesse em se fixar no Brasil ou estabelecer parcerias com pesquisadores brasileiros, respeitando-se as áreas prioritárias do Programa (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 2014).

Segundo o Ministério da Educação (MEC) encontram-se cadastradas aos Sistemas Estaduais de Ensino 22 (vinte e duas) Instituições de Ensino Superior no estado do Rio Grande do Sul. Destas, 19 (dezenove) são nomeadas como Universidades e todas são reguladas pelo Conselho Estadual da Educação (MEC, 2014). Anualmente, desde 2011, as Universidades que mais se destacam em países Latino Americanos recebem o reconhecimento do QS Top Universities (2014). Segundo os dados do ano de 2014, dentre as 300 melhores Universidades Latino Americanas figuram 11 das dezenove universidades do Rio Grande do Sul. O *ranking* é liderado pela Pontifícia Universidad Católica (Chile) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ocupa a 10^a posição.

Neste contexto, este artigo teve por objetivo analisar a percepção dos gestores acadêmicos das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Sul sobre o programa Ciência sem Fronteiras. Para tanto, além desta seção introdutória, são apresentados o Referencial Teórico que embasou o estudo, seguido pelos procedimentos metodológicos, apresentação e análise dos resultados e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL

Não se pode tratar de mobilidade acadêmica como algo recente. O Europeísmo é abordado com frequência quando se refere à cooperação e mobilidade. Segundo Teichler (2004), desde o século XVII, na Europa, estudantes realizavam intercâmbios de estudo. Stallivieri (2002) comenta que por diversos motivos, desde a Idade Média, a internacionalização fazia parte da vida acadêmica. Primeiramente, o que gerava essa mobilidade era buscar em outros continentes, novas descobertas, para assim adquirir novos conhecimentos. Pode-se entender que a globalização não é um fenômeno ligado somente à cultura ou economia, mas também à educação, quando se trata de mobilidade ou transferência de conhecimento, podemos ver as práticas exercidas entre governos e instituições (ALTBACH; KNIGHT, 2007).

Segundo a Unesco (1998), existem duas formas de mobilidade acadêmica internacional: a mobilidade vertical e a mobilidade horizontal. Sua diferença reside nas capacidades econômicas dos países envolvidos e nas questões relacionadas com as durações dos programas. A mobilidade vertical é aquela em que os estudantes de um país menos favorecido economicamente são enviados a países com economia mais forte, a fim de aperfeiçoarem suas habilidades. Além disso, pressupõe permanência dos estudantes estrangeiros na instituição anfitriã durante um longo período (durante a realização de todo curso acadêmico). Já a mobilidade horizontal pressupõe a permanência dos estudantes por um período menor de tempo.

De acordo com Stallivieri (2009), após tomarem forma os meios de mobilidades de intercâmbio acadêmico internacional, com maior registro, são os seguintes: semestre no exterior (*exchange program*), semestre de estudos no exterior (*study abroad*), duplo diploma (*double degree*), programas conjuntos (*joint programs*), programas de verão (*summer programs*), programas de curta duração (*short term programs*), programas de línguas estrangeiras (*foreign*



language programs), atividades isoladas (*free activities*), estágios acadêmicos (*internship*), trabalhos voluntários (*work programs*).

Altbach e Knight (2007), explicam que independentes da categoria em que se enquadrem, estudantes móveis tendem a apresentar vantagens devido a suas interações no país exterior, visto que estes alunos são considerados superiores geralmente pelo conhecimento de língua estrangeira, entendimento intercultural e conhecimento de outro país.

Outros meios de mobilidade acadêmica além das instituições convencionais vêm crescendo, pois os provedores de programas e educação crescem significativamente além das fronteiras (ALTBACH; KNIGHT, 2007). Juntamente com ensino superior privado ou público, é possível citar *The Observatory on Borderless Higher Education*, que juntamente com membros institucionais em 30 países, tem como missão inovações disruptivas, podendo-se citar, como exemplo, a aprendizagem *online*.

2.2 MOTIVADORES DOS PROGRAMAS DE MOBILIDADE ACADÊMICA

Os benefícios de programas de mobilidade são muitos e variados, tais como: interações interculturais, aumento de conhecimento, língua estrangeira, novas habilidades, dentre outros. Não importa o foco que o estudante de mobilidade acadêmica se enquadre, é importante lembrar que estes programas de mobilidade são cruciais e valiosos componentes na internacionalização das Instituições de Ensino Superior (SOWA, 2002).

Países em desenvolvimento hospedam um número significativo de estudantes internacionais. Atrair estudantes estrangeiros aprimora a qualidade e a cultura do corpo institucional (ALTBACH; KNIGHT, 2007). Com a graduação estando flexibilizada, existe uma tendência à realização de intercâmbios para aprimorar a qualidade no ensino (MOROSINI, 2011). Assim, as instituições de ensino começam a entender que os estudantes estrangeiros contribuem para enriquecimentos de currículo e cultura dentro das instituições.

Os motivadores que levam os estudantes viajar além de suas fronteiras são similares em todos os tipos de programas por eles escolhidos. Estas expectativas estão divididas em culturais (novas culturas e línguas), pessoais (experiência de vida), estudos (diferentes métodos de aprendizagem) e profissionais (ligados a empregos e *networking*) (FERENCZ; HAUSCHILDT; GARAM, 2013).

No âmbito profissional ainda pode-se citar de acordo com Puukari (2015), como os estudantes internacionais são bem vistos no mercado de trabalho. As habilidades adquiridas internacionalmente beneficiam tanto no profissional quanto no pessoal do estudante com experiência no exterior (STIER, 2003).

Puukari e Taajamo (2007) definem estudar fora do país como um crescimento acadêmico, intelectual, cultural e uma jornada emocional, que oferece aos intercambistas oportunidades de interação internacional. As habilidades adquiridas beneficiam os estudantes tanto pessoalmente como profissionalmente. Além disso, Wells (2014) explica que estudantes móveis são vistos como trabalhadores altamente qualificados. Porém, é difícil de saber se os estudantes migraram com estas habilidades de seu país de origem ou se as mesmas foram desenvolvidas durante a sua estadia no país de destino.

Para Puukari (2015), os estudantes internacionais têm um jeito único de percepção, tanto na linguística como no conhecimento cultural, esta percepção deriva da cultura de seu país de origem e seu contexto educacional.

No que abrange as Instituições de Ensino Superior, estas utilizam das janelas de Mobilidade Acadêmica como um distintivo ponto de venda de um programa de estudo. Já os estudantes entendem que a mobilidade não é como um acordo e sim como um período de complemento, ou seja, um pacote de expansão, ao invés de apenas um núcleo de estudos (FERENCZ; HAUSCHILDT; GARAM, 2013).



Morossini (2010) trata que quando se fala em produção científica e da troca do conhecimento entre pares acadêmicos, é no grau de internacionalização e produções que a pesquisa e a pós-graduação são avaliadas. Quanto maior forem estas características nos cursos e/ou programas melhor será a classificação dos mesmos. O autor ainda lembra que manter a vigilância ente as relações dos países e as IES, não se caracteriza por relações de colonialismo, e sim pela troca de conhecimento para o desenvolvimento econômico-social de ambas as partes.

Com custos adicionais que resultam das janelas de mobilidade acadêmica é fundamental garantir apoio financeiro, e o financiamento público continua sendo a principal fonte de sustentação. É necessária a ampliação de novos parceiros, na busca constante de novas fontes de financiamento, o apoio em nível nacional baseado em estratégia ou política nacional, pode favorecer a mobilidade e a internacionalização (FERENCZ; HAUSCHILDT; GARAM, 2013).

2.3 DIFICULDADES DOS PROGRAMAS DE MOBILIDADE ACADÊMICA

Solimano (2009) trata que os obstáculos mais comuns enfrentados na mobilidade de pessoas, como diferenças linguísticas, traços culturais e códigos de comportamento social, são menores para pessoas com nível educacional superior, pois estas pessoas tendem a ter conhecimento em mais de uma língua e exibem maior conhecimento das diferenças culturais entre as nações.

Com relação a cultura, os estudantes internacionais encaram infamiliaridades no país de destino. A nova cultura requer adaptação, esta adaptação varia de cada um geralmente leva de uma a duas semanas ou um semestre inteiro (PUUKARI, 2015).

Sowa (2002) comenta que assim como qualquer programa, o programa de mobilidade pode falhar, por inúmeros motivos, como: o custo elevado desses programas, o rompimento de uma parceria no ciclo acadêmico, desigualdade de intercâmbios bilaterais com países em desenvolvimento e outros. É importante ressaltar que o custo sentido pelas instituições de Ensino Superior pode ser mais significativo em países em desenvolvimento, que nem sempre tem os recursos necessários para manter os programas.

Um dos problemas encontrados por países em desenvolvimento é a necessidade por conhecimento científico, por isso participações em programas de mobilidade podem prover oportunidade para suprir esta área. Contudo, quando o estudante retorna a seu país, este conhecimento acaba sendo perdido se não acompanhado devidamente (ALTBACH; TEICHLER, 2001).

Quando fala-se no ponto de vista dos intercambistas, o fator econômico pode muitas vezes influenciar nas decisões de se viver fora de seu país de destino. Brown (2009) explica que este fator financeiro muitas vezes acaba desencorajando o estudante que deseja fazer parte da mobilidade acadêmica. Outro fator importante a ser citado é a linguagem, mesmo que muitos programas de mobilidade acadêmica exijam certo nível de conhecimento em língua estrangeira nem sempre o estudante se sente capacitado para usá-la.

2.4 MOBILIDADE ACADÊMICA NO BRASIL

A internacionalização do ensino superior é uma realidade consolidada no cenário brasileiro, ainda que, por muitos anos, tivesse seu foco somente na pesquisa acadêmica. Contudo, com a globalização ocorrida a partir da década de 1990, foi possível modificar esse cenário, ampliando as formas de internacionalização de instituições de ensino superior por meio da mobilidade acadêmica internacional do corpo discente (MOROSINI, 2006).

Ainda no âmbito de mobilidade acadêmica internacional é possível citar acordos e cooperação entre o governo brasileiro, com a participação de Universidades brasileiras, e os governos de outros países. Estes acordos, promovidos através de programas, objetivam



intercâmbio de estudantes e professores, desenvolvendo a cooperação internacional (TRUJILLO, 2013).

O impacto causado nas pessoas pela mobilidade pode variar de acordo com os tipos de programas e instituições, levando em conta os níveis de ensino e os programas de estudo. Baseado em pesquisas sobre mobilidade e cooperação no quadro de programas Europeus, foi possível observar três áreas de aprendizado e pesquisa relacionados com internacionalização, sendo elas, transferência de conhecimento, pesquisa e educação internacional e discurso e comunicação através das fronteiras (TEICHLER, 2004).

Trujillo (2013), ainda explica que os acordos de cooperação internacional favorecem a mobilidade acadêmica brasileira dentro dos mais diversos espaços regionais, como, por exemplo, o programa Erasmus Mundus criado em 2004 no âmbito da União Européia; e o Programa de Mobilidade Regional em Cursos Acreditados (MARCA), destinado ao setor de educação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) iniciado em 2006.

O programa Erasmus Mundus, criado em 2004, na área de Ensino Superior contribui para o desenvolvimento de recursos humanos e aumenta a capacidade de cooperação internacional entre terceiros países através da mobilidade acadêmica internacional. Seus principais objetivos são a melhoria da qualidade de ensino europeu, assim como promover a excelência em aprendizagem da União Europeia e também promover a compreensão cultural intercultural e domínio do ensino superior para desenvolvimento de países terceiros (COMISSÃO EUROPEIA, 2015).

Relacionando-se ao MARCA, o mesmo foi desenvolvido para atender a melhoria da qualidade acadêmica através de sistemas de avaliação e acreditação. Esta melhoria se dará pela mobilidade de estudantes, docentes e pesquisadores entres as instituições pertencentes ou associadas ao MERCOSUL (MEC, 2015). O MARCA tem como objetivos estimular a cooperação interinstitucional e internacional, multiplicar as experiências de mobilidade além de promover o desenvolvimento integral das nações. Todos estes objetivos consolidados pelo intercâmbio estudantil em nível de ensino superior (MARCA, 2015). O Programa é administrado por meio do convênio entre vários órgãos de cada país membro. O Quadro 1 apresenta os objetivos, abrangência e responsáveis pelos principais programas de mobilidade acadêmica existentes no Brasil.

Além disso, o governo brasileiro oferece bolsas para os estudantes brasileiros por meio do Programa Ciência sem Fronteiras. O programa Ciência sem Fronteiras é uma iniciativa dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de estímulo das instituições CNPq e Capes, e Secretaria de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. Ao mesmo tempo, o projeto prevê a distribuição de até 101 mil bolsas em quatro anos, para que os alunos de Graduação e Pós-graduação façam estágios no exterior (MEC, 2013).

O principal objetivo do Programa Ciência sem Fronteiras é investir na mobilidade de estudantes brasileiros para países estrangeiros conveniados ao Programa. Deste modo, aperfeiçoando os conhecimentos dos alunos no exterior e na sua volta trazendo novos conceitos para o mercado nacional (AUSTRALIAN CENTRE, 2015).

Sendo assim, de acordo com Ciência sem Fronteiras (2015), os seus objetivos estão separados em investimento na formação pessoal e nas habilidades necessárias para o avanço do conhecimento, promovendo a inserção internacional das instituições brasileiras através da aberturas de oportunidades semelhantes a estudantes estrangeiros. Aumentar a presença de pesquisadores e estudantes nas instituições no exterior, ampliar o conhecimento inovador das indústrias tecnológicas e por fim atrair jovens talentos científicos e investigadores qualificados para o Brasil.



3 MÉTODO

Segundo Malhotra (2005) tratando-se de pesquisa é possível citar dois modelos: o conclusivo e o exploratório. Na pesquisa exploratória é utilizada uma amostra pequena que abrange maior compreensão sobre o assunto. Já na pesquisa conclusiva, os dados estão sujeitos à análise quantitativa, uma vez que é baseada em amostras grandes.

A presente pesquisa é com análise qualitativa e de caráter exploratório. Flick (2004), explica que a pesquisa qualitativa se baseia em abordagens teóricas, resultado das linhas seguidas durante o desenvolvimento da própria pesquisa. Com isso, este tipo de pesquisa considera subjetividade parte integrante do processo. Sendo assim, interpretações tornam-se dados, provenientes das impressões e observações dos pesquisadores.

No que tange à coleta dos dados, foi utilizada técnica de entrevista por profundidade, que como explica Malhotra (2001), é direta, pessoal e não estruturada. Por serem realizadas uma a uma, é possível perceber motivações, atitudes e sensações sobre o tópico a ser discutido. A coleta de dados foi realizada no mês de maio de 2015, com seis instituições de ensino superior localizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre e na Região da Serra Gaúcha. As entrevistas foram feitas de modo presencial, nas próprias instituições, após contato telefônico e ou por correio eletrônico para o agendamento das entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas e após transcritas, foi realizada a análise dos resultados a partir do embasamento da literatura.

Para conduzir as entrevistas em profundidade foi utilizado como instrumento de coleta de dados um roteiro de questões semiestruturado com uma listagem de perguntas predominantemente abertas. Estas perguntas foram elaboradas com base na literatura e nos objetivos específicos do trabalho.

Os participantes da pesquisa foram os gestores acadêmicos das Instituições de Ensino Superior do Rio Grande do Sul, responsáveis pela coordenação do Programa Ciência sem Fronteiras dentro das instituições. Foram considerados os gestores e IES localizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre e da Serra Gaúcha. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa não exige grandes amostras e a pesquisa seguiu técnica de amostragem por conveniência, ou seja, dentre os executivos contatados, foram escolhidos aqueles que aceitaram participar da pesquisa.

Em alguns casos, os gestores responsáveis e cadastrados no site do CsF não puderam estar presentes na realização da entrevista, sendo então representados por pessoas que também estão em contato direto e trabalham com o Programa Ciência sem Fronteiras dentro da instituição. Assim, dos 8 gestores contatados, 6 aceitaram participar da pesquisa. Após a finalização das entrevistas, os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo e os resultados foram analisados junto ao referencial teórico, a fim de produzir as conclusões da pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos através de seis entrevistas com os gestores das IES do Rio Grande do Sul, que são responsáveis pela coordenação do Programa Ciência sem Fronteiras. As entrevistas foram realizadas durante o mês de maio do ano de 2015, tendo em média 40 minutos de duração cada.

No princípio, buscou-se compor a amostra por representantes oriundos de cada uma das regiões do Estado, com o intuito de abranger os diferentes padrões culturais, já que o estado do Rio Grande do Sul possui regiões colonizadas por diferentes povos, o que, certamente, traz uma heterogeneidade de pensamentos saudável para a análise. No entanto, durante a estruturação da pesquisa, observou-se uma quantidade maior de respondentes nas regiões da Serra Gaúcha e da



região Metropolitana de Porto Alegre, o que motivou a concentração das pesquisas nestas regiões.

Inicialmente foram contatadas oito instituições de ensino, contudo, as entrevistas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Universidade do Vale dos Sinos não puderam ser realizadas em tempo hábil para a realização da pesquisa. Assim, estas instituições não fizeram parte desta pesquisa.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

As entrevistas tiveram início com questionamentos referentes ao perfil de cada entrevistado. As identidades de cada entrevistado não são destacadas, a fim de não revelar dados pessoais sobre cada um. Sendo assim, cada entrevistado foi identificado por meio de uma numeração de acordo com a ordem que cada entrevista foi realizada. Os principais dados relativos aos entrevistados estão descritos no Quadro 1.

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados

ENTREVISTADO	GÊNERO	INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO	TEMPO NO CSF
E1	F	UCS	Coordenadora de relações interinstitucionais e internacionais	7 meses
E2	M	FEEVALE	Assessor de relações internacionais	4 anos
	F	FEEVALE	Analista de relações internacionais	4 anos
E3	M	UFRGS	Técnico de assuntos educacionais	2 anos
	F	UFRGS	Técnico de assuntos educacionais	1 ano e 6 meses
E4	F	UFCSPA	Coordenadora de Mobilidade acadêmica	2 anos
E5	F	ULBRA	Coordenadora de processos de pesquisa e pós-graduação	4 anos
E6	F	IFRS	Assessora de assuntos internacionais	3 anos

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Cada universidade entrevistada tem seus próprios números de alunos, cursos e modalidades que participa a respeito ao Programa Ciência sem Fronteiras. A Tabela 1 tem como objetivo resumir estes números.

Tabela 1 - Resumo Instituições

Alunos Participantes Ciência sem Fronteiras (2011 – 2015)				
Instituição	Nº de Alunos	Graduação (%)	Pós-Graduação (%)	Outros (%)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2073	68%	30%	2%
Universidade de Caxias do Sul	182	96%	4%	1%
Fundação Universidade Federal de Ciência da Saúde de Porto Alegre	105	90%	10%	-
Universidade Luterana do Brasil	89	91%	9%	-
Universidade Feevale	84	99%	-	1%
Instituto Federal Rio Grande do Sul	66	100%	-	-

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).



A análise da Tabela 1 permite a identificação de alguns pontos que se destacam na realização desta pesquisa. A instituição de ensino que mais possui alunos participantes do Programa Ciência sem Fronteiras é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que destaca-se por ser uma instituição antiga, consolidada e com muitos alunos. Contudo, apesar da quantidade de alunos participantes do Programa na UFRGS, a próxima instituição a ser listada no *ranking* é uma instituição particular, a Universidade de Caxias do Sul. Assim, não é possível relacionar a participação no Programa Ciência sem Fronteiras ao tipo de instituição de ensino (se privada ou pública).

Em um primeiro momento, os entrevistados foram questionados sobre a internacionalização do ensino no Brasil, e destacaram que a internacionalização no Brasil é recente, porém vem crescendo cada vez mais. Além disso, existe o entendimento, por parte dos entrevistados, de que o Programa é um dos responsáveis por estabelecer o ensino brasileiro no cenário internacional. Além disso, as entrevistas realizadas mostram que, apesar do crescimento da internacionalização do ensino no Brasil, o país ainda não tem posicionamento no cenário internacional e está muito atrás dos países europeus. Neste aspecto, Teichler (2004) trata que desde o século XVII, estudantes realizavam intercâmbios de estudo na Europa, o que, certamente, fortaleceu o continente neste aspecto. Já com relação ao Brasil, de acordo com Morossini (2006), a internacionalização do ensino superior é uma realidade consolidada. Porém, os resultados desta pesquisa mostram que o Brasil ainda está galgando o seu espaço e deixa muito a desejar no que se refere à internacionalização do ensino.

De acordo com os entrevistados, a modalidade com maior procura no programa Ciência sem Fronteiras, no que diz respeito às instituições de ensino estudadas, é a graduação, principalmente por este ser o ensino que move partes das instituições. Morossini (2010) trata que com a flexibilização da graduação, a consecução de intercâmbios para aprimorar a qualidade do ensino é uma tendência. Além disso, a maior procura pela modalidade graduação confere com dados que o Programa Ciência sem Fronteiras (2015) traz, tendo mais de 60.000 mil bolsas distribuídas na Graduação sanduíche. Em consenso com os dados expostos pelo Ciência sem Fronteiras (2015), os cursos da área das engenharias figuram em primeiro lugar nas modalidades de maior procura, seguidos pela área da saúde.

4.2 QUESTÕES GERENCIAIS

Aos entrevistados foi perguntado para que avaliassem a importância do Programa CsF dentro de suas instituições. As reações foram diversas. Os principais comentários tratam de como o Programa CsF balançou com a sua área de mobilidade acadêmica. Além disso, os entrevistados falaram dos inúmeros benefícios que a participação no Programa traz para os alunos, bem como das novas oportunidades de internacionalização das instituições. As respostas podem ser vistas no Quadro 2.

Quadro 2 - Importância CsF

1 – Como você avalia a importância do CsF dentro da Instituição?	
Entrevistado 1	[...] nos colocou num patamar. Foi um diferencial internacional da UCS.
Entrevistado 2	Acredito que ele realmente leva a FEEVALE para o exterior. Visibilidade.
Entrevistado 3	Enorme! Muito grande é o impacto do CsF dentro da UFRGS em vários aspectos. [...] a gente tem cursos de graduação que 30% do curso está em mobilidade.
Entrevistado 4	A nossa experiência com nossos alunos foi muito boa. [...] de uma maneira geral, o benefício é para o aluno e não para a universidade.
Entrevistado 5	É bem importante, no primeiro momento foi bem complicado, passando isso, os alunos veem que muitos alunos estão indo. Então deu um estímulo.
Entrevistado 6	Nossa! Pra nós deu um <i>up</i> na nossa internacionalização.



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Tratando das desvantagens que o Programa possa trazer para as instituições durante a estadia do aluno no exterior, as instituições privadas trazem o lado financeiro, pois validam os créditos que o aluno cursa no exterior, neste caso a instituição deixa de receber por essas matérias. Alguns comentam que não há desvantagem, pois o aluno está levando o nome da instituição para fora do país. No Quadro 3 é possível notar estes posicionamentos.

Quadro 3 - Desvantagem CsF

2 - Você acredita que o CsF traga alguma desvantagem para a instituição, durante a estadia do aluno no exterior?	
Entrevistado 1	A UCS financeiramente, não recebe, pelo contrário, ela paga pros alunos, essas disciplinas é a UCS que desembolsa.
Entrevistado 2	Tem os dois lados. Por um lado o aluno vai validar os créditos aqui, sem aportar nenhum tipo de recurso. [...] mas é o aluno que está levando o nome da instituição pra fora. [...] não dá pra pensar só na questão financeira.
Entrevistado 3	O aluno quando volta, ele acaba questionando uma estrutura que está consolidada. [...]esse novo olhar que eles traz, é um impacto tremendo na UFRGS.
Entrevistado 4	Só burocrático, nossa universidade tem uma matrícula anual. Os semestres nas universidades lá fora, começam em setembro, aí ele perde muito tempo.
Entrevistado 5	Desvantagem econômica, não! [...] o aluno está levando o nome da instituição. Então isso é bom.
Entrevistado 6	Nenhuma. Só vantagens. A gente não teve nenhuma desvantagem.

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Tratando da importância do Programa na carreira profissional do aluno, quando regressa, os entrevistados falam que ser intercambista faz com que os alunos voltem com uma nova visão sobre suas vidas, inclusive profissionalmente. Assim, muitos dos alunos conseguiram colocações no mercado de trabalho justamente por participar do CsF.

Referente ao papel que o Governo federal desempenha junto às instituições sobre o Programa, muitos desconhecem que o Governo mantenha algum contato direto com as instituições. Comentam sobre encontro anual em Brasília, acreditando-se ser uma maneira que o governo encontre para que as instituições de ensino tenham mais participação sobre o Programa. Quadro 4 nota-se o posicionamento dos entrevistados.

Quadro 4 - Papel do governo

4- Qual o papel o Governo desempenha junto às Instituições de Ensino?	
Entrevistado 1	São feitos encontros anuais em Brasília para discutir sobre o Programa.
Entrevistado 2	Eu acredito que eles fazem aquelas avaliações, que nós fizemos. Acho que é aleatório, eles devem pegar alguns casos.
Entrevistado 3	O Governo Federal usa as agências que gerenciam o programa nacionalmente Só que com o tempo as instituições acabaram sendo chamadas a atuar mais, a fazer mais a parte que lhes compete, a parte acadêmica.
Entrevistado 4	Na verdade, tem o encontro dos coordenadores em Brasília.
Entrevistado 5	O primeiro momento foi complicado, porque eles passaram a responsabilidade para a instituição conseguir essa colocação dos alunos. Então como era primeira vez e esse convênio não era conhecido foi complicado.
Entrevistado 6	Não tem acompanhamento, que eu tenha percebido. Não sei se eles fazem acompanhamento junto aos alunos, específico. Que a gente não tenha conhecimento. Existe um questionário que é preenchido pelo coordenador. Mas não tenho outro acompanhamento maior.

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).



Dos cursos que tem mais procura no CsF, a área das engenharias como um todo, é hoje o principal curso de formação superior que procura o Programa seguido pela área da saúde. As demais áreas se tornam muito particulares de cada instituição. Além disso, dentre as sete modalidades hoje oferecidas pelo Programa, em todas as instituições entrevistadas a maior procura é na modalidade da Graduação. As instituições participantes desta pesquisa em sua maioria têm como principal público a Graduação, porém também há procura em outras modalidades.

4.2.1 Motivadores

Quando questionados sobre a motivação em aprender uma nova língua pelos alunos do programa, na maioria das respostas os entrevistados afirmam que aprender um novo idioma é sim um motivador na hora de se candidatar a vaga, porém não sendo a língua como principal motivador. No quadro 5 é possível observar estes comentários.

Quadro 5 - Aprimorar linguística

7- Aprimorar a linguística é um dos motivadores que os candidatos buscam na hora de se candidatar?	
Entrevistado 1	Pro caso de outros programas sim, no caso do CsF eles já tem que vir com a língua pronta.
Entrevistado 2	Eu tenho notado isso, eles levam isso em consideração.
Entrevistado 3	Sim com certeza! Acho que sim, é um dos motivadores que os candidatos buscam na hora de se candidatar.
Entrevistado 4	Sim com certeza, o que a gente observa é que o nosso núcleo de idiomas vem crescendo devido o CsF. [...] eles estão vendo que precisam saber inglês, porque isso vai dar oportunidade de eles irem pra um programa internacional. Então sim, aprimoramento linguístico é uma coisa que eles procuram.
Entrevistado 5	Acho que também é um dos motivadores, mais fluência, mais contato.
Entrevistado 6	Não, ir pra lá, pra melhorar o idioma? Não! Não é específico. Não é o principal motivo para eles se candidatarem.

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Referente a estar inserido em uma nova cultura, a resposta dos gestores foi unanime, estar inserido em uma nova cultura pode influenciar no desenvolvimento do aluno durante sua estadia o exterior. No quadro 6 é possível identificar estas respostas.

Quadro 6 - Influencia novas culturas

8- Conhecer e estar inserido em uma nova cultura, pode de alguma maneira influenciar no desenvolvimento do aluno?	
Entrevistado 1	Diria que sim, quanto mais tu conhecer o país, ler, pesquisar, mais ele te encanta. Mas ir lá sentir o cheiro, ir lá, olhar com teus próprios olhos, pisar naquela terra, é muito diferente. Quanto maior a base, maior teu aproveitamento.
Entrevistado 2	Nossa! Sem dúvida! Abre a cabeça. Ver que o mundo não é só aquilo que a gente enxerga do lado, é ver como as coisas funcionam e as diferenças.
Entrevistado 3	Esse exercício da diversidade é o grande ganho da mobilidade. Da nossa parte, o que a gente tenta fazer é conscientizar o aluno.
Entrevistado 4	Sim, com certeza!
Entrevistado 5	Sim. Certamente, muito! Porque essa coisa de vivenciar coisas novas... isso eles sempre colocam nos relatórios, vivenciar outras culturas, outros desafios, essa questão da autonomia, eles colocam muito.
Entrevistado 6	Sim, a cultura sim!

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).



Quando questionados se participar do CsF pode influenciar o aluno positivamente financeiramente, os entrevistados comentam que a longo prazo este aluno pode obter retornos financeiros por participar do programa. Oportunidades novas no mercado de trabalho principalmente. Quadro 7 apresenta o posicionamento dos gestores.

Quadro 7 - Influências positivas financeiramente

9 - Como participar do CsF, pode influenciar positivamente um aluno financeiramente?	
Entrevistado 1	Sempre influencia.
Entrevistado 2	Influencia positivamente, sim. Eles têm oportunidades. Eu não digo 50%, mas sim.
Entrevistado 3	Se ter participado do programa, ajudou ele a se inserir no mercado, numa boa posição e com isso ele ter o retorno financeiro. Não sei, é uma pergunta ampla. Acho que pode influenciar positivamente, mas a gente não tem como avaliar ou confirmar.
Entrevistado 4	Por o aluno ir e mostrar que pode se virar sozinho fora do país, isso ajuda e traz vantagem pro aluno, é uma coisa que a gente precisa dentro dos profissionais.
Entrevistado 5	Ele não busca isso. Eles não estão lá porque eu vou ganhar dinheiro, isso não!
Entrevistado 6	Acho que futuramente, sim. A longo prazo ele vai procurar algo melhor pra vida dele e isso vai dar uma renda maior, mas a longo prazo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

4.2.2 Dificuldades

Após serem questionados sobre os motivadores, os gestores responderam a percepção deles quanto às dificuldades encontradas pelos alunos nas questões de linguística, cultural e financeiro. Tratando das dificuldades linguísticas, mesmo que para participar do programa o aluno precise passar por proficiência da língua do seu país de destino, os gestores comentam que no começo a linguística pode se tornar uma barreira. Mas que depende somente deles superar esta barreira. O Quadro 8 apresenta os posicionamentos dos gestores.

Quadro 8 - Barreiras linguísticas

10- Mesmo que seja requisito ter proficiência em língua estrangeira, você acredita que barreiras linguísticas podem afetar o desenvolvimento do aluno no país de destino?	
Entrevistado 1	Pode, quanto melhor o nível de inglês ou a língua do país melhor. [...] por melhor que seja o conhecimento linguístico, por melhor que seja não é sotaque que tu tá acostumado, não é o jeito que tu fala, não é tua casa, é diferente.
Entrevistado 2	Pode! Pode e é! Até destravar leva um tempo e depende da boa vontade de cada um.
Entrevistado 3	Poder, pode, não sei se tem sido regra. Eles buscam vão atrás e conseguem superar essa barreira, que é uma barreira natural.
Entrevistado 4	A gente vê que muitos que tem o TOEFL adequado, chega lá, na hora e eles tem dificuldade.
Entrevistado 5	Muitas vezes o que tem fluência é de sala de aula, é um pouco diferente. Talvez demore um umas duas semanas até tu se adaptar.
Entrevistado 6	Eles sentem dificuldade no início. Aprendem e dão conta.

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Quando questionados sobre como o contexto cultural do aluno age em conflito na sua chegada no país de destino, os entrevistados comentaram que justamente por existir essa diferença cultural, pode haver um estranhamento inicial no aluno. A cultura paternalista do brasileiro também foi citada, pois, como os alunos estão sozinhos - sem seus familiares - no



começo, pode ser tornar um grande desafio. O quadro 9 exhibe a resposta dos entrevistados sobre como o contexto cultural pode influenciar o intercambista.

Quadro 9 - Contexto cultural

11- Como o contexto cultural de um aluno age em conflito com a cultura predominante no país de destino?	
Entrevistado 1	É o mesmo discurso da língua, quanto melhor tu aprender sobre a cultura de destino melhor será na chegada e talvez o aluno esteja até mais desconectado com a cultura de origem na chegada.
Entrevistado 2	Isso acontece, esse choque cultural, isso sem dúvida acontece. E vai depender de quanto ele está preparado para poder enfrentar aquilo. Sempre digo, olha, procura saber pra onde tu vai.
Entrevistado 3	Acho que o estranhamento cultural é justamente o objetivo. Eles chegarem lá e, é bem isso, se confrontar com a cultura diferente da dele, é até o maior ganho que se faz com a mobilidade.
Entrevistado 4	Eu acho que a cultura sim, a nossa cultura é muito paternalista, diferente da cultura lá fora.
Entrevistado 5	É... acho que algumas pessoas tem um baque. Alunos que já viveram no exterior alguma vez, esses acham que não são tanto. Mas tem gente que é bem carente, que nunca tinham ido viajar pro exterior, que daí, talvez.
Entrevistado 6	Alguns sim é tudo muito diferente. A gente já teve dois alunos que desistiram. A maior dificuldade é o medo de ir pra lá. Alguns tem medo, justamente de não acompanhar a cultura.

Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

Tratando-se das condições financeiras do aluno, na hora de se candidatar a vaga do programa, os gestores comentam que pode se tornar uma dificuldade, pois aqueles que não têm condições financeiras boas, nem sempre tem oportunidade de aprender um novo idioma, sendo que conhecimento em língua estrangeira é um requisito do programa.

Inclusive foi dado exemplos de alunos que tiveram que desistir da participação do programa por não terem condições financeiras. Mesmo sendo um programa custeado pelo Governo, o pré-embarque, a efetivação do visto, que é pago pelo aluno, pode ser uma dificuldade financeira enfrentada.

Por fim, os entrevistados foram questionados a avaliar a participações das instituições de ensino no CsF e quais seriam suas sugestões de aperfeiçoamento ou melhoria para o Programa.

Quando questionados sobre como eles avaliam a participação entre si das instituições de ensino, é possível notar que ainda falta uma interação entre elas. Muitas ainda estão aprendendo a lidar com suas questões internas relacionadas ao programa, e talvez isso seja um dos motivos do porque as instituições não interagem entre si. Porém os entrevistados acreditam que é possível aprender muito com troca de experiências e que poderia haver uma maior interação entre as instituições.

Finalizando o questionário, os gestores puderam comentar sobre alguma melhoria ou algum aspecto que pudesse ser aperfeiçoado. As instituições gostariam de poder ter mais influência nas decisões dos programas, sendo que os alunos participantes são de suas instituições. Outro aspecto que poderia ser melhorado é uma unificação na hora de matricular o aluno no programa, pois, como o programa é homologado por duas diferentes agências de fomento, cada uma acaba por ter um requisito e acompanhamento diferente que deve ser feito, o que por muitas vezes acaba se tornando trabalhoso para as instituições.

Outro aspecto fundamental que deixa a desejar, é a questão que após o aluno ser selecionado para participar do Programa, a instituição perde o vínculo com este aluno, muitas vezes sabendo que o aluno já está em seu intercambio meses após sua partida. Hoje não há um meio de avisar as instituições que o seu aluno foi selecionado, apenas a listagem dos nomes



sem separação por instituição. Cada instituição acaba encontrando seu jeito próprio de vinculação do aluno durante sua estadia no exterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito às considerações finais deste trabalho, a resposta ao objetivo geral desta pesquisa, de analisar a percepção dos gestores acadêmicos das Universidades do Estado do Rio Grande do Sul sobre o Programa Ciência sem Fronteiras, surge por meio de inúmeros pontos a serem abordados neste capítulo. Em um primeiro momento, o mapeamento das instituições de ensino participantes do Programa trouxe o entendimento de que, apesar de o Programa Ciência sem Fronteiras ser patrocinado e organizado pelo Governo Federal, as instituições de ensino superior privados também fazem grande uso do Programa e obtêm inúmeros benefícios a partir deste.

Existe uma maior procura pelo Programa pelos alunos de cursos de Graduação, em detrimento dos cursos de Mestrado e Doutorado Sanduíche. Contudo, é possível ressaltar que estes alunos de graduação voltam do exterior com inúmeros benefícios que irão refletir em suas vidas pessoais, profissionais e acadêmicas, além de uma preferência pela pesquisa e por darem seguimento aos seus estudos. Assim, com o amadurecimento do programa, poderá ser percebido um aumento maior do interesse dos alunos de pós-graduação *Strictu Sensu* no Programa Ciências sem Fronteiras.

Dentre as questões que são citadas pelos entrevistados, como entraves à realização do programa, de um ponto de vista gerencial, é possível perceber que a falta de mecanismos de socialização formais dos resultados impede que as instituições tenham acesso às informações relativas ao programa e, desta forma, aos números que poderiam indicar os benefícios trazidos com a participação destes alunos. Além disso, como existe uma falta de integração entre os sistemas, muitas vezes a própria instituição desconhece a participação do aluno no programa, o que faz com que não haja uma integração entre o discente e a instituição para o fortalecimento do programa.

Dos principais motivadores para a participação no Programa CsF foi possível perceber o aprimoramento de uma língua estrangeira e, principalmente, o enriquecimento da carreira profissional com a participação em um programa de mobilidade acadêmica. Apesar de ser um programa jovem, é possível entender que o aluno que possui uma experiência internacional possui um diferencial no mercado de trabalho. Dentre as principais dificuldades, surgem as dificuldades financeiras e linguísticas. Apesar de o programa não ter custos para o aluno, os custos com visto e outras burocracias, ainda em território nacional, são entraves para os alunos de baixa renda. Além disso, muitos alunos não possuem condições para desenvolver a língua estrangeira de forma adequada antes do embarque, o que também constitui uma dificuldade.

No que diz respeito às diferenças culturais, estas são citadas como motivadores, dificuldades e benefícios. Como motivador, as diferenças culturais constituem um dos principais motivos pelos quais os alunos querem ter uma experiência internacional, para estar inserido em uma nova cultura, contudo, a distância psíquica e também o fato de estarem sozinhos em um país desconhecido constitui uma das principais dificuldades. Contudo, é preciso entender que as empresas valorizam extremamente os profissionais que possuem pensamento global, portanto, as diferenças culturais às quais o aluno precisa se adaptar constituem também um benefício.

No que diz respeito aos benefícios, os entrevistados entendem que os principais benefícios são percebidos somente pelos alunos, em suas vidas pessoais, profissionais e acadêmicas. Contudo, a falta de mecanismos de avaliação do Programa no cenário nacional e a falta de socialização destas avaliações impede as instituições de terem um panorama acerca dos benefícios e dificuldades do Ciência sem Fronteiras para a instituição.



A primeira limitação encontrada na realização deste estudo foi, sem dúvida, a amostra intencional, a qual, não permite inferências sobre os resultados encontrados. Como essa amostra foi constituída somente por respondentes da região Metropolitana de Porto Alegre e da Serra Gaúcha, pode ter havido um viés de pesquisa, referente às questões culturais inerentes aos indivíduos que responderam a pesquisa. Além disso, como o tempo para a realização da pesquisa é limitado, nem todas as instituições puderam ser contatadas ou consideradas neste estudo em tempo hábil.

Outra limitação encontrada foi a falta de resposta por parte de algumas instituições de ensino, que, por motivos desconhecidos, não tiveram interesse em participar deste estudo. Além disso, o tempo requerido para a inserção dos dados na Plataforma Brasil e análise do trabalho pelo Comitê de Ética era superior ao tempo disponibilizado para a realização do trabalho como um todo, inviabilizando a participação das instituições que precisam dessa autorização para a sua participação.

Assim, como sugestões para estudos futuros, a primeira sugestão é a realização de uma pesquisa, nos moldes deste estudo, mas que compreenda todas as instituições de ensino localizadas no Estado do Rio Grande do Sul e que participem do Programa Ciência sem Fronteiras. Essa pesquisa poderia gerar o entendimento real sobre os resultados encontrados na totalidade do território gaúcho. Além disso, poderia ser realizada uma pesquisa quantitativa, não somente com as instituições de ensino do Rio Grande do Sul, mas também uma pesquisa comparativa, que trouxesse os dados do Programa obtidos no Rio Grande do Sul e pudesse ser comparada aos dados obtidos em outros Estados brasileiros. Assim, o PIB e os dados referentes à educação dos estados poderiam ser relacionados aos dados encontrados no Programa.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. **The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities**. Journal of Studies in International Education Fall/Winter 2007 11: 290-305.

ALTBACH, Philip G.; TEICHLER, Ulrich. **Internationalization and Exchanges in a Globalized University**. Journal Of Studies In International Education. Durham, p. 5-25. 2001.

AUSTRALIAN CENTRE. **O que é o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF)**. Disponível em: <<http://www.australiancentre.com.br/site/ciencia-sem-fronteiras/>>. Acesso em: 21 de maio 2015.

BROWN, Lorraine. The Transformative Power of the International Sojourn: An Ethnographic Study of the International Student Experience. **Annals Of Tourism Research: A Social Sciences Journal**. Bournemouth, p. 502-521. jul. 2009.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. **Objetivos**. Disponível em: <<https://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

COMISSÃO EUROPEIA. **Erasmus Mundus Programme**. Disponível em: <http://eacea.ec.europa.eu/erasmus_mundus/index_en.php>. Acesso em: 21 maio 2015.

FERENCZ, Irina.; HAUSCHILDT, Kristina; GARAM, Irma (eds.) **Mobility Windows: From Concept to Practice** – Bonn: Lemmens Medien GmbH, 2013.



KNIGHT, Jane; WIT, Hans de. **Strategies for internationalization of higher education: historical and conceptual perspectives**. Amsterdam: European Association for International Education Publications, 1995.

MALHOTRA, Naresh Kumar. **Introdução à pesquisa de marketing**. São Paulo: Pearson, 2005. xvii, 428 p.

MALHOTRA, Naresh. Kumar. **Pesquisa de Marketing: Uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 719 p.

MARCA. **O Programa de Mobilidade Acadêmica Regional**. Disponível em: <<http://programamarca.siu.edu.ar/objetivos.php>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. **O Programa Ciência Sem Fronteiras**. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ciência Sem Fronteiras**: um programa especial de mobilidade internacional em Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília: Ministério da Educação, [2013] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=13004&tmpl=component&format=raw&Itemid=122>. Acesso em: 24 nov. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 08 set. 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Marca**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12285:marca&catid=257:marca&Itemid=549>. Acesso em 24 abr. 2015.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006.

MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educ. rev.** Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 93-112, Apr. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982011000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 16 June 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100005>. Acesso em 24 abr. 2015.

PUUKARI, Sauli. **Guidance and Counselling Supporting Student Mobility**. Disponível em: <<http://www.nice-network.eu/349.html>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

PUUKARI, S., & TAAJAMO, M. **Cultural developmental task in understanding the starting points of multicultural guidance and counseling**. pp. 9-21. Helsinki, Finland, 2007.

QS TOP UNIVERSITIES. **QS University Rankings: Latin America 2014**. Disponível em: <<http://www.topuniversities.com/university-rankings/latin-american->



universityrankings/2014#sorting=rank+region=+country=+faculty=+stars=false+search=>. Acesso em: 18 set. 2014.

SILVA, Stella Maris Wolff da. **Cooperação Acadêmica Internacional da Capes na Perspectiva do Programa Ciência Sem Fronteiras**. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasília, 2012.

SOUTO, Álvaro José de; REINERT, José Nilson. Cooperação Internacional Interuniversitária: o caso da UFSC. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 4. 2004, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2004.

SOWA, Patience. A. How valuable are student exchange programs?. **New Directions for Higher Education**, 2002: 63–70. doi: 10.1002/he.49.

STALLIVIERI, Luciane. **A internacionalização nas universidades brasileiras: o caso da Universidade de Caxias do Sul**. São Paulo, 2002. 213 p: Dissertação (Mestrado em Cooperação Internacional), Universidade São Marcos, 2002.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 2009. 234f. Tese (Doutorado em Línguas Modernas) - Universidad Del Salvador, Programa Línguas Modernas, Buenos Aires, 2009.

STIER, J. **Internationalisation, ethnic diversity and the acquisition of intercultural competencies**. *Intercultural Education*, 14(1), 77-91, 2003.

SOLIMANO, Andrés. **The International Mobility of Talent: Types, Causes, and Development Impact**. Oxford: Oup Oxford, 2009. 371 p.

TEICHLER, Ulrich. The Changing Debate on Internationalisation of Higher Education. **Higher Education**. Aa Dordrecht, p. 5-26. jul. 2004.

TRUJILLO, Albeiro Mejia. **Estudo analítico da legislação vigente sobre os acordos de cooperação internacional, assinados pelo Brasil; bem como suas implicações no atual cenário da mobilidade acadêmica com outros países**. Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, Brasília, 13 mar. 2013.

UNESCO. **Brasil**. [1998]. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127139porb.pdf>. Acesso em: 05 out. 2014.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. PMAI – **Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional**. Disponível em: <http://www.ucs.br/site/ucs/cooperacao/estrangeiros/pmai>. Acesso em: 27 ago. 2014.

WELLS, Anna. **International Student Mobility: Approaches, Challenges and Suggestions for Further Research**. University of Oxford, Oxford, UK, 2014.